

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise
Existencial

Manuela Gomes Alves de Abreu

OS TONS DA DEPRESSÃO:
restrições na percepção visual de cores

Belo Horizonte
2025

Manuela Gomes Alves de Abreu

**OS TONS DA DEPRESSÃO:
restrições na percepção visual de cores**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Dr. Paulo Eduardo R. Alves Evangelista

Belo Horizonte
2025

150 Abreu, Manuela Gomes Alves de.
A162t Os tons da depressão [recurso eletrônico] : restrições na
2025 percepção visual de cores / Manuela Gomes Alves de Abreu. -
2025.
1 recurso online (27 f.): pdf.
Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Percepção visual. 2.Depressão mental. 3. Fenomenologia
existencial. I. Evangelista, Paulo Eduardo Rodrigues Alves.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Folha de Aprovação

OS TONS DA DEPRESSÃO: RESTRIÇÕES NA PERCEPÇÃO VISUAL DE CORES

MANUELA GOMES ALVES DE ABREU

monografia defendida e aprovada, no dia **seis de junho de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista - Orientador

FAFICH/UFMG

José Paulo Giovanetti

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 10 de julho de 2025.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Coordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**, Coordenador(a) de curso de pós-graduação, em 10/07/2025, às 13:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4370765** e o código CRC **C0C7F893**.

Ao meu companheiro Dimitri, ao meu filho Tomás, aos meus pais e avós. Sem vocês, eu jamais teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Paulo Evangelista, agradeço pelos ensinamentos e apoio no desenvolvimento deste trabalho.

E agradeço especialmente aos meus clientes por confiarem em compartilhar comigo suas histórias de vida e visões de mundo, elas foram a principal fonte de inspiração para esta pesquisa.

RESUMO

Este estudo trata-se de uma revisão narrativa que busca compreender a relação entre a depressão e a percepção visual de cores a partir de uma abordagem fenomenológico-existencial. A motivação surgiu de relatos clínicos de clientes que, durante o diagnóstico de depressão, relataram restrições no espectro de cores percebidas. A fundamentação teórica explora a concepção de ser humano como Dasein, compreendendo a existência como abertura-compreensiva-afetiva e considerando o adoecimento como uma restrição de possibilidades existenciais, que se manifesta na corporeidade, na espacialidade e na liberdade do ser-no-mundo. A revisão de literatura revela que a depressão está associada a alterações na percepção visual de cores e contraste, indicando uma relação entre o estado depressivo e prejuízos na visão. No entanto, esses estudos focam nos aspectos físicos e comportamentais, sem abordar esse fenômeno sob uma perspectiva existencial. A discussão propõe que a restrição na percepção de cores na depressão simboliza uma ausência de afeto, sentido e possibilidades de vir-a-ser, refletindo uma existência vazia e limitada. A percepção visual, nesse contexto, é uma forma de abertura ao mundo que, quando comprometida, revela o impacto profundo da depressão na existência do indivíduo. Por fim, o trabalho conclui que a depressão afeta diversas dimensões do ser, incluindo a relação com o mundo, com a corporeidade e temporalidade.

Palavras-chave: percepção visual, depressão, dasein-análise, fenomenologia.

ABSTRACT

This study is a narrative review that seeks to understand the relationship between depression and visual perception of colors from a phenomenological-existential approach. The motivation arose from clinical reports of clients who, during the diagnosis of depression, reported restrictions in the spectrum of perceived colors. The theoretical basis explores the conception of the human being as Dasein, understanding existence as open-understanding-affective and considering illness as a restriction of existential possibilities, which manifests itself in corporeality, spatiality and freedom of being-in-the-world. The literature review reveals that depression is associated with changes in visual perception of colors and contrast, indicating a relationship between depression and vision impairment. However, these studies focus on physical and behavioral aspects, without addressing this phenomenon from an existential perspective. The discussion proposes that the restriction in color perception in depression symbolizes an absence of affection, meaning, and possibilities of becoming, reflecting an empty and limited existence. Visual perception, in this context, is a form of openness to the world that, when compromised, reveals the profound impact of depression on the individual's existence. Finally, the study concludes that depression affects several dimensions of the being, including the relationship with the world, with corporeality, and temporality.

Keywords: visual perception, depression, daseinsanalysis, phenomenology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
OBJETIVOS	11
METODOLOGIA	12
1. DEPRESSÃO PARA A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL	13
1.1 Ser humano como Dasein	13
1.2 Ser-doente	15
1.3 O existir depressivo	16
2. PERCEPÇÃO VISUAL NA DEPRESSÃO	19
3. DISCUSSÃO	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe reunir evidências e pontos fundamentais apresentados por pesquisadores do campo da psicologia acerca da percepção visual de cores por pessoas deprimidas. E a partir disso, dialogar com as ideias propostas por Heidegger e Medard Boss sobre psicossomática. A motivação para esta pesquisa surgiu a partir da observação de casos clínicos de pacientes que ao longo do processo de psicoterapia relataram ter vivenciado durante o diagnóstico de depressão a restrição no espectro de cores percebidas. Uma paciente relatou que ficou impossibilitada de enxergar todas cores, percebendo o mundo apenas em tonalidades próximas ao cinza, preto e branco. Diante de tal fenômeno clínico, busquei explicações na literatura científica, mas encontrei uma escassez de estudos relacionando quadros depressivos e alterações na visão, sobretudo a partir de uma perspectiva fenomenológica existencial.

Atualmente, existem algumas pesquisas, que serão apresentadas mais adiante, buscando compreender os aspectos relacionados à percepção visual de pessoas deprimidas. Contudo, provavelmente com o intuito de provar cientificamente a existência de acometimentos visuais relacionados à depressão, os pesquisadores se ativeram a abordar aspectos físicos e biológicos. Entretanto, do ponto de vista existencial, quais seriam os impactos desse fenômeno?

Segundo Feijoo e Mattar (2015), Heidegger, nos *Seminários de Zollikon*, aborda as limitações do método científico natural para o estudo dos fenômenos psicossomáticos, em que a compreensão desses é produzida a partir do que é mensurável (somático) ou não mensurável (psíquico). Na perspectiva heideggeriana,

O corpo vai muito além de sua materialidade, por isso nele se incluem seus direcionamentos. Podemos estar próximos de algo que, no entanto, não é uma extensão de nosso direcionamento, assim como podemos ouvir um barulho distante que nos faz tremer. Tudo isso nos mostra que o corpo transcende a epiderme. O Dasein do homem é espacial em si, porque ordena o espaço e porque há uma espacialização do Dasein em sua corporeidade.[...] Ele insiste na dificuldade de diferenciar o psíquico do somático e novamente se remete à tese de Hegglin, afirmando que as lágrimas não podem ser medidas. No máximo, se mede um líquido e suas gotas, mas não lágrimas, que só podem ser vistas diretamente. As lágrimas não são algo somático nem algo psíquico. (Feijoo & Mattar, 2015, p. 655)

Nesse sentido, a respeito da percepção visual, pode-se pensar que é possível medir a função de contraste ou a capacidade da retina de capturar a luz, mas isso não explica como é possível a um ser humano ver uma colorida paisagem. Todavia, de acordo com Heidegger, a impossibilidade de quantificar tais manifestações não impede sua compreensão, sendo necessário apenas a utilização de outro método para isso (Feijoo & Mattar, 2015).

Na perspectiva da análise existencial, Boss, irá propor que todo modo de existir é existencial, sendo, portanto, acessível do ponto de vista do sentido (nomeado equivocadamente de psíquico) e da mensuração (corpóreo). Assim, todo adoecer também é psicossomático, sendo definido como uma restrição de possibilidade existencial. Partindo dessa concepção de adoecimento, levantam-se algumas questões: Como é vivenciado o existir de uma pessoa deprimida que encontra restrições no espectro de cores percebidas? Simbolicamente, o que a tonalidade visual com que a depressão se apresenta, pode representar para aquele que se vê deprimido?

OBJETIVOS

Geral

Analisar, na perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial, o fenômeno da restrição na percepção cromática em pessoas em estado depressivo.

Específicos

1. Apresentar os achados científicos dentro na psicologia que relacionam depressão e percepção visual;
2. Apresentar a compreensão da experiência depressiva para a fenomenologia existencial;
3. Compreender de um ponto de vista daseinsanalítico o estreitamento visual na depressão.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma revisão narrativa, tendo como objetivo apresentar e discutir diferentes conceitos e perspectivas encontradas na literatura acerca da relação entre depressão e percepção visual de cores. Esse método de pesquisa “envolve a busca não sistemática de referências a fim de compor um estudo, geralmente do tipo ensaio, onde o autor expõe seu ponto de vista”. (Costa, Fontanari e Zoltowski, 2022, p. 132)

1. DEPRESSÃO PARA A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Para apresentar como a fenomenologia existencial compreende o existir depressivo, considero necessário antes explicitar o conceito de existência no qual a abordagem se fundamenta, além da maneira como ela compreende o adoecimento.

1.1 Ser humano como Dasein

Dentre os principais autores que influenciaram a clínica fenomenológico-existencial, destaca-se Martin Heidegger, cuja análise ontológica das estruturas da existência humana, apresentada em *Ser e Tempo* (2024), tornou-se base filosófica da abordagem daseinsanalítica. Buscando se afastar da dicotomia corpo e mente, o filósofo propõe a compreensão do homem como Dasein (presença ou ser-aí). Heidegger descreve o Dasein como o ente que todos nós somos, e que a todo momento precisa lançar-se ao seu existir, assumindo-o. “A ‘essência’ deste ente está em ter de ser” (Heidegger, 2024, p. 85). Nesse sentido, a existência é justamente o próprio *ser* do Dasein.

Na perspectiva heideggeriana, a capacidade de relação com o próprio *ser* torna o Dasein um ente privilegiado e o diferencia dos demais entes intramundanos (como uma casa ou um cachorro por exemplo), cujos quais o modo de ser lhes é simplesmente dado dentro do mundo. Para esses outros entes não existe um “ter de ser”, não há confronto com as possibilidades de serem ou não serem eles mesmos, essas possibilidades são próprias do Dasein. (Heidegger, 2024)

Além da relação consigo mesmo, ao Dasein é atribuída a capacidade de relacionar-se com o seu *vir-a-ser*, ou seja, de projetar um futuro, idealizar ou imaginar situações. “Aquilo que o Dasein ainda não é como fato, como realidade, ele é como possibilidade” (Roehe e Dutra, 2014, p.109). Mesmo que ele não venha de fato a realizar-se nessa possibilidade, ele “sabe de si como um ente ao qual falta algo, ao qual falta ser algo” (Pompeia e Sapienza, 2011, p.171). Este aspecto é o que move o homem em seu existir.

A existência se situa na abertura do que ainda não é, na abertura do sonhar. Mas o que ainda não é, a virtualidade, não aparece para o homem como puro vazio. Ela se apresenta de alguma forma. Já aparece como a possibilidade sonhada, que pede para vir a ser (Pompeia e Sapienza, 2004, p. 18).

Em *Ser e Tempo*, a analítica do Dasein é pensada em dois níveis distintos: o ôntico e o ontológico. O ôntico refere-se ao que Heidegger nomeia como cotidianidade mediana, e refere-se ao aspecto “prático” da existência. É no nível ôntico do cotidiano que o Dasein se mostra como alguém em meio aos demais entes no mundo, com seu hábitos, sua rotina e jeito particular de ser. Já o ontológico diz respeito à questão do *ser*, à abertura onde o Dasein relaciona-se consigo mesmo e com o que lhe vem ao encontro. (Roehe e Dutra, 2014)

Heidegger nomeia as características estruturais ontológicas do Dasein como *existenciais*, e entre elas, destacam-se aqui a abertura e a disposição. Segundo Boss e Condrau (1976), a existência para o Dasein pode ser comparada a uma clareira que o permite ver o que vem ao seu encontro. Para Heidegger (2024), a abertura é justamente essa dinâmica de relação com os entes que aparecem na clareira da existência. É na abertura que o *ser* e a relação com ele surgem, tomam forma. Sendo assim, entende-se que o Dasein é *abertura-compreensiva* para as coisas aparecerem e serem. A compreensão, nesse sentido, não está relacionada à ideia do senso comum de entender ou conhecer, mas “articula-se com o caráter de poder-ser do Dasein. Ela projeta o campo existenciário em que ele pode realizar o poder-ser que ele é” (Pompeia e Sapienza, 2011, p.161)

Sendo abertura compreensiva, o Dasein também é sempre *ser-no-mundo*, devido a esta relação indissociável com os entes que lhe convergem, ou seja, o mundo. Entretanto, a abertura não deve ser compreendida como situacional ou como um movimento de afastamento de si, tendo em vista que:

Ao dirigir-se para...e apreender, a presença [o Dasein] não sai de uma esfera interna em que antes estava encapsulada. Em seu modo de ser originário, a presença já está sempre ‘fora’, junto a um ente que lhe vem ao encontro no mundo já descoberto (Heidegger, 2024, p. 109).

Já a disposição (*Befindlichkeit*), é o modo como o Dasein “se encontra” disposto na abertura de mundo. Em seu aspecto ôntico, a disposição se expressa através das tonalidades afetivas (*Stimmung*). As tonalidades afetivas referem-se aos afetos/humores em que a existência está desde sempre e a todo momento sintonizada (Pompeia e Sapienza, 2011).

o ser-aí [o Dasein] existe sempre afinado ou em sintonia com um tom, como aponta Koecher (2013), assim como a música é tocada sempre em um tom – mesmo que existam diversos tons não existe música sem tom - a tonalidade afetiva é o que dá tom a existência, como uma sintonia, por vezes desarmônica, que envolve o ser-aí , contrapondo-se a ideia de subjetividade e de estados psíquicos (Santos, 2019, p.134).

As tonalidades afetivas são reveladoras do modo como o Dasein se abre às possibilidades do seu próprio *ser* e ao mundo, dizem das diferentes maneiras pelas quais ele se apresenta, influenciando sua compreensão e disposição para agir (Pompeia e Sapienza, 2011). Portanto, uma vez que a existência para o Dasein é abertura compreensivo-afetiva, entende-se que os humores são determinantes na forma como ele percebe o mundo e a si mesmo, no modo como experimentará a temporalidade, corporeidade e espacialidade. Assim, as tonalidades afetivas ocupam também um papel central no entendimento dos modos de ser e de adoecer.

1.2 Ser-doente

A partir da concepção de homem como Dasein proposta por Heidegger, Medard Boss, um psiquiatra suíço, inspirou-se em sua filosofia para desenvolver a psicoterapia daseinsanalítica. Através das tonalidades afetivas, ele “toma para sua clínica a noção de espaço, como atmosfera do horizonte histórico que dá o tom – afetos da convivência – com o qual nos afinamos” (Feijoo, 2011, p.30).

Na perspectiva daseinsanalítica, corpo e mente não são compreendidos de maneira dicotômica, mas como diferentes dimensões que integram a totalidade da existência. E no que se refere ao corpo, entende-se que “apenas pela e na corporeidade o homem se relaciona com aquilo que lhe vem ao encontro” (Feijoo & Mattar, 2015, p. 657). É na corporeidade, através dos sentidos, que o Dasein irá vivenciar a abertura tonalizada que é o seu *ser*.

De acordo com Feijoo e Mattar (2015), Boss em *Introduction a la medicine psychosomatique* (1959), irá propor que o adoecimento físico está diretamente ligado à relação do homem com o mundo, uma vez que:

(...) todo o adoecer é sempre psicossomático, pois atinge a abertura que é o Dasein, ser-aí, como um todo, e representa uma restrição a determinada possibilidade, a doença com suas limitações, em detrimento de outras. Algo que nos atinge física ou psiquicamente já nos afetou de maneira mais

originária, tendo em vista a nossa existência como abertura antes de tudo. (Feijoo & Mattar, 2015, p. 657)

Dessa forma, a *dasein* análise não irá compreender o ser-doente como um antônimo de ser-saudável - no sentido de ausência de uma doença - mas como uma um estreitamento de possibilidades existenciais. Boss & Condrau (1976), apresentam uma subdivisão dos modos de ser-doente, descrevendo assim que o adoecimento relaciona-se sempre a: perturbações na corporeidade ou na espacialidade do ser-no-mundo; privações na realização da afinação própria à essência da pessoa; ou privações na abertura de mundo e liberdade existencial. Segundo os autores, cada um dos modos refere-se especificamente a um *existencial* (característica estrutural ontológica do Dasein) contudo, “se um deles é perturbado em sua realização, todos os outros não deixam de sofrer, igualmente, as consequências” (Boss & Condrau, 1976, p.29).

Ao dizer das perturbações relacionadas à corporeidade, especifica-se que o corpo faz parte diretamente do ser-no-mundo do homem. Os autores explicam através do exemplo de uma fratura na perna, que para além do acometimento físico, a fratura “constitui primordialmente uma redução da possibilidade existencial de se aproximar ou se afastar daquilo que se oferece ao nosso encontro no mundo” (Boss & Condrau, 1976, p.29-30).

1.3 O existir depressivo

No que tange a uma explicação para depressão do ponto de vista fenomenológico-existencial, ao recorrer à literatura percebe-se não haver uma conceitualização única e categórica do fenômeno. Tendo em vista o princípio da abordagem de compreensão da singularidade experiencial de cada indivíduo enquanto ser-no-mundo, não há como dispor de uma descrição global para o existir depressivo.

Segundo Barbosa (2012), Tatossian (1979) atribui o termo *depressividade* à experiência depressiva e a caracteriza como um “definhamento do vivido”. Nessa perspectiva, Tatossian compreendia a melancolia como a forma mais grave de depressão, em que há uma ruptura da possibilidade de relação com o outro. (Bloc, Melo, Leite & Moreira, 2015)

o mundo vivido do deprimido parece se restringir ao isolamento físico. É como se o sujeito perdesse a capacidade de viver e estar envolvido na sua relação com o mundo (Bloc, Melo, Leite & Moreira, 2015, p. 223)

Ainda de acordo com Barbosa (2012), a melancolia é definida por muitos autores como um distúrbio afetivo tendo em vista o seu caráter “anestésico”. Na melancolia perde-se a capacidade de sentir, lamenta-se o vazio indizível (Barbosa, 2012).

Partindo deste ponto e do que foi proposto por Boss e Condrau (1976) acerca dos modos de adoecer existencialmente, percebe-se no existir depressivo uma restrição na fluidez das tonalidades afetivas que automaticamente impacta outros aspectos da existência. Na depressão, parece não haver mais contato com outros entes que consiga apreender sentido para o Dasein, nem mesmo a partir da relação consigo mesmo enquanto ente. Pode-se dizer que a apatia e o nada insuportável se apoderam do deprimido de tal forma que o existir se torna moroso, cansativo e lento. Ao abrir-se para o mundo, o Dasein não mais tonaliza sua existência sem ser intercedido pelas “lentes” da depressão .

No sentido da corporeidade, percebe-se a partir do exposto por Bloc, Melo, Leite & Moreira (2015) acerca da perspectiva de Tatossian, que na depressão o corpo é percebido como uma prisão em que se é possível ver o mundo através das grades mas nunca realmente se aproximar dele. O ser-no-mundo do Dasein é completamente afetado pelo anestesiamento dos sentidos, estreitando suas possibilidades e liberdade existencial.

Esta incapacidade de sentir, até mesmo tristeza, faz com que a vida perca as suas várias melodias e cores; viver passa a ser uma tarefa dolorosa. Nenhum evento tem ressonância afetiva, a indiferença apodera-se da pessoa, o sofrimento causado por este adormecimento sentimental é colossal (Oliveira, 2020, p.8)

Para explicar as privações na realização da afinação própria à essência da pessoa, na abertura de mundo e liberdade existencial, Boss & Condrau (1976) utilizam as distimias depressivas (depressão crônica) como exemplo. Eles descrevem como esse modo de ser-doente é revelador do tédio e do absurdo da vida. Nesse sentido, nas distimias depressivas percebe-se o tédio como o distúrbio na abertura para o mundo, levando o Dasein a um profundo estado de indiferença uma vez que:

Certamente o homem pode estar aberto para o que vem ao seu encontro enquanto um ente mas somente de um modo tal que tudo, coisas a seres, só podem mostrar-se a ele como igualmente desprovidos de mensagem. [...] O que se oferece a elas [pessoas entediadas] retira-se imediatamente e, se não desaparece totalmente, pelo menos se afasta a ponto de não mais lhes tocar (Boss & Condrau, 1976, p.31).

O tédio, enquanto modo de abertura de mundo, afeta a percepção da temporalidade do Dasein, o tempo lhe parece longo. O entediado não mais projeta um vir-a-ser no sentido de um verdadeiro futuro, nem relaciona-se com um passado rico em experiências ou com um presente carregado de sentido. A relação com essas três dimensões temporais é desprovida de mensagens. (Boss & Condrau, 1976)

Tal como descrito por Heidegger em *Ser e Tempo* (1927), a vivência da temporalidade é experimentada de forma singular para cada pessoa uma vez que o homem enquanto Dasein é ser de abertura-compreensiva-tonalizada. A percepção do tempo vivido muitas vezes pode diferir do tempo cronológico a depender da forma como o sujeito se encontra disposto na abertura de mundo.

No que concerne à temporalidade na depressão, o sujeito melancólico experimenta uma lentificação do vivido e “a congruência passado-presente-futuro fica perturbada, desde logo, por uma experiência de futuro como se fosse uma repetição do passado, com um forte sentido de fatalidade” (Oliveira, 2020, p.8). Isso significa que para aquele que se vê deprimido, além de um tempo que anda devagar, ele vivencia também a sensação de estar sempre em atraso.

Nesta existência, o tempo perde sua característica original de campo de possibilidade de atualização de si-mesmo [...] O tempo é vivido sob o aspecto do que já passou, em que o indivíduo acumula uma dívida infinita consigo mesmo. (Barbosa 2012, p.66)

Dado que foi explicitado até aqui, nota-se que para a fenomenologia-existencial, os seguintes pontos são fundamentais para a compreensão da experiência depressiva: temporalidade lentificada, restrição na fluidez das tonalidades afetivas e estreitamento da abertura de mundo e liberdade existencial.

2. PERCEPÇÃO VISUAL NA DEPRESSÃO

Antes de dialogar acerca da relação entre a depressão e a percepção visual do ponto de vista fenomenológico-existencial, considero importante apresentar alguns estudos sobre o tema na psicologia em geral.

Em um estudo intitulado *“Color sensitivity and mood disorders: biology or metaphor”* realizado em 2002, os pesquisadores fizeram testes com uma amostra de 120 pacientes, ambulatoriais e internados, que possuíam diagnóstico de depressão e não faziam uso de medicamentos. Os participantes foram submetidos a responder através de autorrelato a duas escalas: Correa–Barrick Scale: A Clinical Rating for Depression (CBS) e Zung Self-rating Depression Scale (SDS). Um item relacionado a sensibilidade à cor foi adicionado à escala CBS. Os resultados do experimento não confirmam, mas sugerem uma relação entre prejuízos na sensibilidade à cor e depressão. Neste sentido, de acordo com os autores, alterações na sensibilidade às cores poderia ser um marcador para transtornos de humor.

Na pesquisa *“Seeing Gray When Feeling Blue? Depression Can Be Measured in the Eye of the Diseased”*, de 2010, os pesquisadores buscaram avaliar uma possível relação entre o processamento do contraste visual ao nível da retina e o transtorno depressivo. Foi medido o ganho de contraste baseado no eletrorretinograma padrão de três grupos: pacientes diagnosticados com transtorno depressivo maior (TDM) que faziam uso de medicações, pacientes não medicadas diagnosticados com TDM e um grupo controle de indivíduos saudáveis sem o diagnóstico. Os resultados obtidos demonstraram um ganho de contraste muito reduzido nos participantes com TDM, tanto medicadas como não medicadas. Além disso, não foram encontradas diferenças entre aqueles que estavam enfrentando o primeiro episódio de depressão e os que os que vinham passando por episódios recorrentes. Os pesquisadores concluíram que alterações no ganho de contraste não parecem estar relacionadas a psicofármacos, mas sim ao estado depressivo em si.

Cavalcanti e Santos (2005), através de uma pesquisa experimental, mediram a função de contraste visual de um pequeno grupo de pessoas diagnosticadas com depressão e um grupo controle sem o diagnóstico. Ao final da pesquisa, os resultados apontaram um comprometimento significativo na função visual de contraste das pessoas deprimidas em relação àqueles que não eram acometidos

pela psicopatologia. A autora afirma que os resultados eram preliminares e algumas outras hipóteses surgiram, sobretudo acerca da relação entre o uso de medicamentos antidepressivos com os prejuízos visuais apresentados pelos participantes, tendo em vista que estes faziam uso de fármacos.

Nogueira e Santos (2012), a partir de um experimento similar, também analisaram os impactos da depressão na função de sensibilidade a contrastes. Nesse estudo, os grupos experimental e de controle eram maiores, possuindo cada um 10 participantes. Os resultados demonstraram uma menor sensibilidade a contraste no grupo das pessoas diagnosticadas com depressão. A pesquisa apresentou as mesmas limitações e hipóteses encontradas por Cavalcanti e Santos (2005) relacionadas ao uso de antidepressivos, ansiolíticos e outros medicamentos.

Ainda em outro estudo mais recente, realizado por Lima (2019), intitulado *“Avaliação da percepção visual de cor em adultos com transtorno depressivo maior e parentes de primeiro grau”*, os resultados obtidos confirmaram a hipótese da autora de que pessoas diagnosticadas com transtorno depressivo apresentam comprometimento significativo na percepção visual de cores quando comparadas a indivíduos saudáveis. Observou-se ainda, que quanto maior a gravidade do quadro depressivo, maiores eram os prejuízos visuais dos participantes. Além de apontar que a utilização de psicofármacos a longo prazo também pode contribuir para o surgimento de danos na percepção visual, comprovando assim, a hipótese dos autores citados anteriormente.

Os resultados encontrados nessas pesquisas não apenas demonstram a existência de associações entre a depressão e alterações na percepção visual, mas também evidenciam a relação indissociável que existe entre corpo e mente que pode ser percebida através das psicossomatizações. Para além disso, por se tratarem de pesquisas do campo biológico e comportamental, não houveram investigações do ponto de vista da vivência das pessoas, ou seja, de como é em um nível existencial experienciar tal fenômeno, e é esse aspecto que será discutido adiante.

3. DISCUSSÃO

Retomando os questionamentos iniciais deste trabalho: Como é vivenciado o existir de uma pessoa deprimida que encontra restrições no espectro de cores percebidas? Simbolicamente, o que a tonalidade visual com que a depressão se apresenta, pode representar para aquele que se vê deprimido?

Sabe-se que a partir de uma perspectiva fenomenológica existencial, o Dasein, do ponto de vista ontológico, é abertura-compreensiva-afetiva. Sendo a abertura o aspecto que o permite relacionar-se consigo mesmo e com o mundo. Compreensiva, no sentido de articular-se na dimensão do poder-ser, das possibilidades. E afetiva na medida em que a existência é sempre tonalizada por um afeto/humor. Portanto, o homem é um ser de possibilidades sendo-no-mundo, o afetando e sendo afetado por ele e assim, apropriando-se de seu ser e significando sua própria existência.

Na obra intitulada *Na presença de sentido (2004)*, Pompeia e Sapienza analisam a arte de esculpir sob a perspectiva existencial heideggeriana. Os autores descrevem como o homem enquanto Dasein é movido por aquilo que ele ainda não é. Na criação artística essas possibilidades são expressas através das obras do artista. Assim como percebe o poder-ser de si mesmo, o Dasein é capaz de projetar um vir-a-ser também para os entes do mundo com que estabelece relação.

Um artista pode escutar o que a pedra lhe fala quando ela ainda não é estátua e transformá-la em obra. Outros homens, também atentos, poderão depois ouvir o que a estátua vai lhes falar, vai lhes contar das possibilidades do mundo (Pompeia e Sapienza, 2004, p.18)

Percebe-se nesse exemplo como a relação do Dasein com o mundo contém uma dualidade inevitável. Ao vislumbrar possibilidades no mundo, o homem também vislumbra possibilidades para si próprio através das coisas e seres. Em outro exemplo, Pompeia e Sapienza (2004), relatam a experiência de uma pessoa ao estar diante da escultura já pronta:

É um momento de encantamento, em que nossa existência suporta os desdobramentos daquilo que *pode ser* e que se realiza através da fala silenciosa, oculta e misteriosa das coisas do mundo (Pompeia e Sapienza, 2004, p.26)

Tal como posto por Feijoo & Mattar (2015), é pelo corpo através dos seus sentidos que o Dasein vivencia a abertura, ou seja, é na corporeidade que o homem acessa a existência do ponto de vista da mensuração. Assim, para ser capaz de “ouvir a fala silenciosa” de um ente no mundo, o Dasein precisa relacionar-se corporeamente com este ente. Utilizando o exemplo dado por Pompeia e Sapienza (2004), para vivenciar uma experiência de encantamento por uma obra de arte o homem primeiro tem de conseguir percebê-la na clareira da existência, ou seja, olhar para ela, tocá-la, ouvir alguém descrevê-la, sentir seu cheiro ou o seu sabor. E dessa forma, simultaneamente no momento em que mensurar se afetar/tonalizar, no caso do exemplo em questão, se encantar.

A partir desse ponto de vista, entende-se que a existência para o Dasein é justamente essa dinâmica ininterrupta de estar lançado em disposição na abertura de mundo. Num sentido ôntico, é estar em constante relação com as coisas e seres na vida cotidiana e ter de sentir isso tanto “na pele” quanto na emoção. Nesse fluxo constante sendo-no-mundo o Dasein interpreta e dá sentido a si próprio e ao mundo, é uma relação indissociável a partir da qual ele é.

Nessa perspectiva, a percepção visual pode ser compreendida como um modo de abertura para o mundo, possibilitando que as coisas surjam em seu aspecto visual. As colorações percebidas favorecem distinções entre o que é apreendido visualmente, mas também carregam “significados” como quente, frio ou confortável, tonalizando a abertura.

No que tange o existir depressivo explicitou-se num capítulo anterior que este tem como aspectos marcantes o anestesiamiento das tonalidades afetivas, o contato com o mundo desprovido de mensagens e a lentificação do vivido. Percebe-se, portanto, que na depressão há uma alteração dramática no fluxo existencial do Dasein enquanto ser-mundo-mundo e em seu vir-a-ser.

A lentidão e o isolamento em que se percebe imerso o deprimido expressam o seu movimento no mundo e refletem uma existência vazia, ou seja, restrita de possibilidades e excessivamente voltada para si (Bloc, Melo, Leite & Moreira, 2015, p. 224).

Dessa forma, como descrito por Boss & Condrau (1976) acerca dos modos de adoecer, entende-se que o deprimido experimenta uma perturbação primordialmente na disposição (onticamente referida como tonalidade afetiva) mas que gera

consequências em outros *existenciais*, restringindo assim a plenitude de sua existência como um todo. E uma vez que o Dasein vivencia a abertura pelo corpo, este também expressa a depressividade. Segundo Bloc, Melo, Leite & Moreira (2015), na depressão

o corpo se sente indisposto diante de sua atuação no mundo, sem ânimo para realizar as atividades cotidianas. É como se para esses sujeitos o corpo estivesse preso no espaço e no tempo (Bloc, Melo, Leite & Moreira, 2015, p. 222).

Compreendendo o que foi proposto por Heidegger (2024), corpo e mente não são pensados aqui de forma dual mas como dimensões que compõem a existência mutuamente. Portanto, restrições do ponto de vista corporal são também restrições na liberdade de *ser* e apreender a existência. Nesse sentido, o corpo indispostamente deprimido dificulta a relação do sujeito com o mundo e consigo mesmo, mas ao mesmo tempo, a relação prejudicada também indis põe o corpo.

A corporeidade é uma das esferas do nosso ser, nela se atualiza a existência humana, que engloba os fenômenos do “corpo” e da “alma”, do somático e do psíquico. [...] O aspecto corporal é o modo físico de relações com o mundo, relações que definem o que o Dasein é. A doença é uma estagnação de possibilidades vitais na corporeidade. (Feijoo & Mattar, 2015, p. 657-658)

Segundo Oliveira (2020), na depressão o corpo é percebido com uma sensação de estranheza e relutância diante da interação com outras pessoas. De acordo com a autora, o deprimido sente-se aprisionado a um corpo que não tem mais fluidez, lhe falta mobilidade e energia vital. Tais fenômenos são um efeito de somatização diante do intenso sofrimento.

Na experiência depressiva, metaforicamente é como se houvesse um muro entre o deprimido e o mundo, que ao tentar escalar para conhecer o que há do outro lado, ele encontra muita dificuldade devido ao peso do próprio corpo. Ao insistir em atravessá-lo, o esforço acaba lhe cansando e após muitas tentativas ele perde o interesse em descobrir o que há além do muro. No existir depressivo, dado efeito de entorpecimento do corpo e das tonalidades afetivas, não há liberdade plena para apreender o sentido das coisas do mundo e conseqüentemente significar a própria existência.

O corpo torna-se na depressão uma fonte comunicacional excepcional [...] Ora é este corpo, logicamente em comunicação com a mente, que estão

guardados os sonhos daquela pessoa, as suas aspirações, o sentido existencial. Quando existe saúde este corpo é o que permite à pessoa agir no mundo, interagir com os outros construindo um caminho com significado rumo a estes sonhos. O que ocorre na depressão é que, no momento da implosão do paciente sobre si mesmo, os sonhos ficaram em pequenos pedaços indistintos e insignificáveis (Oliveira, 2020, p.29-30).

Dessa forma, compreendendo a percepção visual como um modo de abertura, uma pessoa em um estado profundo de depressão que deixa de perceber algumas tonalidades de cores, está expressando na corporeidade (os olhos/a visão) a maneira como está disposta nessa abertura. Portanto, enxergar menos cores reflete o estado existencial que o Dasein se encontra, ou seja, desamparado e “desrelacionado” com o mundo, vivendo sob a perspectiva do vazio. Nesse caso, fica clara a dificuldade em significar a vida quando as cores, um dos aspectos que permite tonalizar afetivamente o que é visto, literalmente não pode mais ser percebido. Aqui, não ver as cores é uma forma de mensurar através do corpo a profunda angústia existencial que provavelmente essa pessoa está experienciando.

O existir de uma pessoa deprimida que encontra restrições no espectro de cores percebidas é um marcado pela ausência. Ausência das cores e do sentido que elas comportam como um reflexo da ausência de sentido da própria vida. A característica do anestesiamiento afetivo e corporal presente na depressão que foi descrito através de diversos autores em capítulos anteriores, nesse caso se apresenta através da percepção de cores. Há uma restrição evidente na capacidade literal de enxergar o mundo, tornando essa existência limitada no sentido da liberdade de *ser*.

Ao se olhar para uma paisagem, não são apreendidas somente as formas, sombras, cores e contornos captados mas também significado que se entrelaça com a tonalidade afetiva ressoando naquele momento a partir do que é visto. Capta-se aquilo que o mundo misteriosamente esconde através das imagens e das cores. Ir de preto a velórios, por exemplo, carrega um sentido para além da escolha aleatória por uma camisa preta, mas pode ser também uma forma de expressar a própria dor ou o respeito pelos que sofrem pela pessoa que partiu. Aceder ao mundo através da visão é mais do que apenas enxergar imagens, é também uma forma de acessar a vida captando sentido e possibilidades.

Barbosa (2012) descreve a depressão como um vazio indizível, uma petrificação do viver, em que “o eu assiste à sua tristeza, sendo incapaz de entrar

em relação com ela” (Barbosa, 2012, p.63). Tendo em vista esse aspecto, a ausência de cores na percepção visual do deprimido pode ser pensada como uma maneira de dimensionar através do corpo essa constante ausência de afeto e sentido. Viver sem perceber as cores em sua completude simbolicamente representa esse estado de deslocamento em relação ao mundo, que aos poucos vai consumindo o existir.

Pensando na lentificação do vivido, aspecto também presente na depressão do ponto vista fenomenológico-existencial, entende-se que o Dasein enquanto abertura-compreensiva é capaz de projetar o seu vir-a-ser a partir da relação com o mundo e consigo mesmo. Segundo Pompeia e Sapienza (2011), o vir-a-ser diz da dimensão em que o Dasein vislumbra suas possibilidades existenciais e assim se movimenta. Entretanto, uma vez que a relação com o mundo se encontra prejudicada, como no caso da restrição no espectro de cores percebidas, o Dasein não mais consegue aproximar-se das coisas e seres e apreender suas significações. Dessa forma, não há como vislumbrar um vir-a-ser, ou seja, possibilidades para si próprio.

Nessa perspectiva, entende-se que a vivência da temporalidade fica comprometida uma vez que aquele que se encontra deprimido sem conseguir projetar possibilidades para si, encontra dificuldades em colocar-se em ação, caminhando sempre a passos muito lentos. Aqueles que estão deprimidos encontram-se

Confinados num presente sem sentido, destinados a um futuro sem possibilidades diversas e caminhos alternativos, onde a depressão se afigura como a única possibilidade, não é estranho que os pacientes sintam a sua capacidade de agir sobre o mundo diminuída (Oliveira, 2020, p.29).

Tal como exposto por Boss & Condrau (1976) acerca das distímias depressivas, descrevendo esse modo de ser-doente como revelador do tédio que gera uma profunda indiferença. Pode-se pensar no estreitamento da percepção visual de cores na depressão como uma forma de mensurar esse fenômeno. Uma vida sem cor é a expressão ou a percepção do desinteresse do Dasein pela própria existência.

Ademais, em relação à segunda pergunta proposta no início deste trabalho a respeito da representatividade simbólica da tonalidade visual com que a depressão se apresenta para o deprimido. Diante de tudo que foi exposto até aqui, percebe-se

a ausência da possibilidade de captar as significações do mundo através das cores como uma clara mensagem da dor, do tédio e da melancolia que “roubam” as colorações e “colorem” a vida com o existir depressivo. Metaforicamente é como perceber o mundo com lentes de sofrimento e lembrar-se a todo instante que existir tem sido penoso.

Contudo, vejo também possibilidades de significação que poderiam variar a depender do sentido que cada cor carrega para cada indivíduo de maneira singular. Assim, enxergar somente tons de azul poderia abarcar um significado diferente de perceber somente cinza ou preto. Entretanto, devido às limitações dessa pesquisa no que se refere ao método, torna-se impossível responder integralmente a este questionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo contribuir para a compreensão do existir depressivo a partir de reflexões que surgiram da leitura e estudo dos principais autores do campo da fenomenologia-existencial e Daseinsanálise. Considera-se importante ressaltar que apesar da busca pelo rigor científico nessa pesquisa, a depressão é um fenômeno que se expressa de maneira imensamente singular para cada indivíduo. Por isso, é imprescindível que haja cautela do ponto de vista clínico, para que aqueles que vão ao consultório buscar ajuda não sejam enquadrados de maneira generalista em um determinado diagnóstico.

Tendo em vista o tema norteador deste trabalho, a percepção visual de cores em pessoas deprimidas, concluiu-se a partir da breve revisão de literatura que a depressão pode sim afetar a visão, tratando-se portanto de um fenômeno real. Do ponto de vista da fenomenologia existencial, compreendeu-se que o existir de uma pessoa deprimida que encontra restrições no espectro de cores percebidas é marcado pela ausência de afeto e sentido. A depressão tem potencial de afetar diversas dimensões da existência, sobretudo a relação do homem com o mundo e consigo mesmo, a experiência da temporalidade e a maneira como vivencia a corporeidade. Sendo os prejuízos na percepção visual de cores apenas uma das muitas formas de psicossomatização que uma pessoa em depressão profunda pode vivenciar.

Espera-se que este trabalho possa servir de inspiração para que outros pesquisadores se aprofundem no tema, uma vez que encontrou-se ao longo desta pesquisa limitações quanto ao tempo disposto para a produção. Por se tratar de uma monografia de especialização, não foi possível a utilização de outros métodos de pesquisa que talvez pudessem gerar resultados mais esclarecedores, como por exemplo um estudo de caso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, S. L. R.. **A experiência de depressão na contemporaneidade: uma compreensão fenomenológico-existencial.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2012.

Barrick, C. B., Taylor, D., & Correa, E. I. (2002). **Color sensitivity and mood disorders: biology or metaphor?** *Journal of Affective Disorders*, 68(1), 67-71

Bloc, L., Melo, A. K. D. S., Leite, E., & Moreira, V. (2015). **Fenomenologia do corpo vivido na depressão.** *Estudos de Psicologia (Natal)*, 20(4), 217-228.

Bubl, E., Kern, E., Ebert, D., Bach, M., & Tebartz van Elst, L. (2010). **Seeing Gray When Feeling Blue? Depression Can Be Measured in the Eye of the Diseased.** *Biological Psychiatry*, 68(2), 205–208.

BOSS, M.; CONDRAU, J. **Análise Existencial. Daseinsanalyse: Como a Daseinsanalyse entrou na psiquiatria.** *Revista Daseinsanalyse*, v. 2, p. 5-23, 1976.

Cavalcanti, A. M., & Santos, N. A. **Os efeitos da depressão na percepção visual de contraste em humanos: achados preliminares.** *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2005.

DE OLIVEIRA, V. M. S. F.. **Nesse timbre pardacento: Conceptualização da depressão na perspectiva fenomenológica-existencial.** (Dissertação de Mestrado) - Universidade do Porto, Portugal. 2020.

Feijoo, A. M. L. C. D., & Mattar, C. M.. **A desconstrução da psicossomática na análise existencial de Heidegger e Boss.** *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 18, 651-662. 2015.

de Feijoo, A. M. L. C. (2011). **A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares.** *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 17(1), 30-36.

Heidegger, M. **Ser e tempo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2024 (Trabalho original publicado em 1927).

Lima, E. S. H. **Avaliação da percepção visual de cor em adultos com transtorno depressivo maior e parentes de primeiro grau**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2019

Nogueira, R. M. T. B. L., & Santos, N. A. **Pacientes com depressão maior têm menor sensibilidade a contraste visual que indivíduos saudáveis**. Estudos de Psicologia, 17(1), 115-120. 2012

POMPÉIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. EDUC. São Paulo, 2004.

_____ **Os dois nascimentos do homem: Escritos sobre terapia e educação na era técnica**. Editora Via Verita, 2011.

ROEHE, M. V.; DUTRA, E. **Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano**. Revista Avances en Psicología Latinoamericana, v. 32 (1), pág. 105- 113, out. 2013.

SAMPAIO, M. I. C.; SABADINI, A. A. Z. P.; KOLLER, S. H. **Produção científica: um guia prático**. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2022.